

PRINCIPAIS DETERMINANTES PSICOLÓGICOS EM ATLETAS DE ELITE COM DEFICIÊNCIA: IMPLICAÇÕES AO NÍVEL DA PERFORMANCE

José Pedro Ferreira
Maria João Campos

RESUMO

O estudo das respostas comportamentais e emocionais dos atletas a diferentes estressores tem fomentado um progressivo interesse no estudo da ansiedade competitiva, bem como de outros determinantes psicológicos tais como a auto-estima, o auto-conceito físico, a auto-confiança, a auto-eficácia e a identidade atlética devido aos seus efeitos sobre a performance. O objectivo da presente comunicação é reflectir sobre alguns destes determinantes psicológicos que afectam os atletas de elite com deficiência e discutir eventuais implicações ao nível do desempenho individual em contextos de competição.

Palavras chave: Ansiedade competitiva, Auto-percepções, Identidade Atlética e Desporto Adaptado

ABSTRACT

The study of behavioral and emotional responses of athletes to different stressors has fostered a progressive interest in the study of competitive anxiety and other psychological determinants such as self-esteem, physical self-concept, self-confidence, self-efficacy and athletic identity due to its effects over performance. The purpose of this communication is to analyse some of the psychological determinants affecting elite athletes with disabilities and discuss possible implications for individual performance in different competitive sport contexts.

Keywords: Competitive anxiety, Self-perceptions, Athletic Identity and Disability Sport

RESUMEN

El estudio del comportamiento y de las respuestas emocionales de los atletas a los diferentes estresores ha fomentado un progresivo interés en el estudio de la ansiedad competitiva y otros factores psicológicos como la autoestima, auto-concepto físico, la confianza en sí mismo, el auto-eficacia y la identidad atlética debido a sus efectos en el rendimiento. El propósito de esta comunicación es reflexionar sobre algunos de los determinantes psicológicos que afectan a los atletas de élite con discapacidad y examinar las posibles implicaciones para el rendimiento individual en el contexto de la competición.

Palabras clave: Ansiedad competitiva, Auto-percepción, Identidad Atlética y Deporte para Minusválidos

Introdução

Nas últimas décadas, o número de atletas com deficiência que participa em eventos desportivos tem vindo a aumentar de forma drástica (Eidson, 1997). Com o passar dos anos, o desporto de alto nível para atletas com deficiência tornou-se cada vez mais organizado e competitivo, tendo atingido o potencial para criar constrangimentos psicológicos em muitos praticantes de desporto adaptado (Campbell & Jones, 1997; Ferreira et al., 2007).

O estudo das respostas comportamentais e emocionais dos atletas a diferentes estressores tem fomentado um progressivo interesse no estudo da ansiedade competitiva (Woodman & Hardy, 2001), bem como de outros factores psicológicos determinantes tais como a auto-estima, o auto-conceito físico (Ferreira & Fox, 2008), a auto-confiança e a auto-eficácia (Martin, 2008), e a identidade atlética (Ferreira, Campos, & Guisantes, 2008; Tasiemski et al., 2004; Van de Vliet, Van Biesen, & Vanlandewijck, 2008) devido aos seus efeitos sobre a performance. O objectivo da presente comunicação é reflectir sobre alguns dos principais determinantes psicológicos que afectam os atletas de elite com deficiência e discutir as suas implicações sobre o desempenho individual em contexto de competição.

Ansiedade competitiva

Apesar da ansiedade ser vista, na revisão da literatura, como uma manifestação de processos psicológicos tais como a apreciação cognitivas e as expectativas (Smith, Smoll, & Schutz, 1990), os pesquisadores também reconheceram a importância da ansiedade somática, influenciando o desempenho desportivo (Anshel, 1995). Embora muita da pesquisa realizada sobre a ansiedade em ambientes de prática esportiva competitiva tenha sido conduzida em atletas sem deficiência (Jones, Hanton, & Swain, 1994; Jones, 1995; Hanton, Thomas, & Maynard, 2004), alguns estudos examinaram como os praticantes com deficiência lidam com situações estressantes no desporto (Campbell & Jones, 2002a, 2002b; Eidson, 1997, Ferreira et al., 2007).

Durante muito tempo, o Competitive State Anxiety Inventory -2 (Martens, Vealey, & Burton, 1990) foi identificado como o principal contributo para avaliar a ansiedade competitiva em contextos esportivos. O CSAI-2 foi usado para medir a intensidade da ansiedade proporcionando valores de medida para três aspectos da ansiedade: ansiedade cognitiva, a percepção de sintomas físicos (ansiedade somática), e a confiança percebida (auto-confiança), (Jones, 1991). No entanto, pesquisas recentes contribuíram grandemente para a compreensão de novas dimensões da ansiedade competitiva tais como as suas componentes de direção e de frequência. As percepções de direção envolvem a interpretação dos sintomas associados à ansiedade competitiva, e a forma como estes são interpretados como facilitadores ou inibidores do desempenho individual (Jones, 1995; Hanton & Jones, 2001), isto é, existem atletas que só se consideram áptos para entrar em competição quando apresentam níveis de activação muito elevados (“I am on fire!”) enquanto que outros consideram que esses níveis elevados de activação são prejudiciais para a sua performance esportiva. Por outro lado, as direções de frequência relacionam-se com a quantidade de tempo gasto experienciando sintomas importantes associados à competição (Swain & Jones, 1993), ou seja, existem atletas que estão mais frequentemente sujeitos ao aparecimento de sintomas relacionados com a competição, independentemente destes serem tidos como facilitadores o inibidores da performance individual.

Eidson (1997) avaliou a ansiedade em atletas de basquetebol com deficiência auditiva e descobriram que as mulheres com deficiência auditiva apresentavam valores mais elevados de ansiedade cognitiva e somática comparativamente aos seus colegas atletas do sexo masculino, no entanto não foi encontradas quaisquer diferenças ao nível da auto-confiança. Campbell e Jones (1997) forneceram novos elementos de prova acerca da ansiedade pré-competitiva e da auto-confiança de atletas cadeirantes, os quais apresentavam valores de ansiedade pré-competitiva semelhantes aos reportados por praticantes de esporte sem deficiência. Contudo, os primeiros apresentaram maior intensidade nos sintomas relativos à ansiedade somática e valores mais baixos de auto-confiança, um pouco antes do início da competição.

Um estudo recente (Ferreira et al., 2007), realizado com base numa abordagem multi-dimensional da ansiedade competitiva, avaliou os valores de intensidade da ansiedade cognitiva, ansiedade somática e auto-confiança em atletas praticantes de esporte adaptado com deficiência física. Os resultados obtidos suportam a hipótese de que a intensidade da ansiedade cognitiva permaneceria estável ao longo dos três períodos de tempo (8 dias, dois dias e duas horas antes da competição). Estudos anteriormente realizados em cadeirantes (Campbell & Jones, 1997) demonstraram um aumento da intensidade da ansiedade cognitiva à medida que o momento da competição se aproximava. As principais diferenças foram encontradas entre o primeiro e o último período de tempo, sugerindo que a preocupação do atleta com a competição é influenciada pela situação competitiva. No caso particular deste grupo de atletas de esporte adaptado foi encontrado um perfil específico, uma vez que não se verificou qualquer variação da intensidade da ansiedade cognitiva entre os três momentos avaliados. Uma das razões que poderá explicar estes resultados tem a ver com o facto de os atletas deste estudo terem sido avaliados durante a sua participação em competições de nível nacional, podendo não ser reconhecido a estas um potencial suficientemente grande para gerar um aumento da ansiedade cognitiva, à medida que o momento da competição se aproxima.

Os resultados obtidos também suportam a hipótese de que a intensidade da ansiedade somática aumentaria para todos os grupos à medida que a competição se aproxima. Campbell e Jones (1997) relataram um aumento progressivo da ansiedade somática nos três momentos avaliados. O estudo de Ferreira et al. (2007) forneceu novas evidências para apoiar este pressuposto, confirmando o aumento da intensidade de ansiedade somática em atletas com deficiência física ao longo dos três períodos de tempo avaliados. Os atletas de nível internacional foram os que apresentaram melhor controlo sobre os sintomas da ansiedade somática, apresentando um aumento mais controlado bem como níveis mais baixos de intensidade da ansiedade somática ao longo de todos os momentos avaliados. As experiências esportivas anteriormente vivenciadas e a capacitação através do desporto e do exercício físico podem explicar em muito tal comportamento (Ferreira, 2006).

Finalmente, a intensidade dos valores obtidos no estudo de Ferreira et al. (2007) para a auto-confiança não apoia a Teoria Multidimensional da Ansiedade, ou seja, a auto-confiança não se mantém estável durante o período que antecede a competição a menos que as expectativas de sucesso se alterem. No estudo de Campbell e Jones (1997) foram relatados decréscimos na auto-confiança entre os dois momentos anteriores ao início da competição. Neste estudo, a intensidade da auto-confiança permaneceu estável durante os primeiros dois momentos, mas diminuiu à medida que se

aproximava a competição. Uma possível explicação para estes resultados tem a ver com o facto de, sob condições competitivas estressantes, os atletas com deficiência poderem questionar com mais frequência a sua confiança nas suas capacidades para renderem a um nível elevado e para conseguirem alcançar os seus objectivos, quando comparados com outros atletas sem deficiência.

Os resultados desta variação de intensidade da auto-confiança são incomuns na revisão da literatura, no entanto, já foram descritos padrões de comportamento semelhantes em atletas do sexo feminino, sem deficiência (Jones & Cale, 1989; Jones, Swain & Cale, 1991). Este padrão pode ser resultante das diferentes experiências de socialização proporcionadas pelo esporte o qual, tanto no caso dos atletas com deficiência como no caso das mulheres, pode não ser tão orientado para a competição, como acontece no caso dos atletas do sexo masculino sem deficiência. São pois necessários mais estudos envolvendo atletas com deficiência de modo a podermos compreender melhor as respostas emocionais e os comportamentos destes atletas em situações competitivas de elevado grau de estresse.

Auto-estima e auto-conceito físico

O estudo do auto-conceito físico tem emergido de forma consistente, demonstrando uma correlação moderadamente forte com a auto-estima ao longo de toda a vida (Fox, 2000). A organização multidimensional do auto-conceito Físico (Fox & Corbin, 1989), revelou a auto-valorização física (PSW) como a síntese global de todas as percepções no domínio físico, agindo como um mediador entre as auto-percepções no domínio físico e a auto-estima, transportando importantes qualidades de ajustamento emocional.

O desenvolvimento das auto-percepções em grupos com deficiência tornou-se, recentemente, uma questão central, em particular, desde que o modelo social da deficiência (Oliver, 1996; Sherrill, 1993) a revelou como uma identidade multidimensional que é específica da cultura e da história, é socialmente construída e é mediada pelo tempo de latência, a natureza da deficiência, a situação socioeconômica, o gênero, a etnia e a multiplicidade de papéis, expectativas, aspirações, e percepções que cada indivíduo incorpora no seu “Eu”. Sherrill et al. (1990) fez uma primeira tentativa para avaliar o auto-conceito de jovens atletas com deficiência usando um instrumento padronizado, o Self-Concept Inventory (Harter, 1988). Apesar das limitações encontradas ao nível do sexo e da idade, e dos poucos dados existentes para comparação, foi sugerido que os jovens atletas com deficiência apresentavam um padrão geral de auto-conceito semelhante ao dos jovens atletas sem deficiência. Estes padrões eram também muito semelhantes aos encontrados em atletas adultos com deficiência, quando comparado com outros atletas adultos mas sem deficiência. Estudos mais antigos, utilizando instrumentos com fracas propriedades psicométricas, relatavam a existência de uma associação significativa entre o nível de participação em actividades desportivas e o nível de auto-estima (Szyman, 1980). Além disso, Patrick (1986) descreveu um aumento significativo nos valores de auto-estima de atletas cadeirantes principiante, após um período de cinco meses de participação em competição esportiva, quando comparados com os valores apresentados por atletas cadeirantes veteranos com três ou mais anos de experiência. Em todos os estudos mencionados, aqueles que apresentavam menores níveis iniciais de auto-estima eram aqueles que no final apresentavam maiores melhorias.

Mas a relação entre a auto-estima e a participação esportiva nem sempre é tão clara. Num estudo realizado por Ferreira e Fox (2008) atletas cadeirantes de basquetebol apresentaram valores médios de auto-estima mais baixos quando comparadas com os seus colegas basquetebolistas sem deficiência, bem como com outros grupos sedentários sem deficiência. Apesar da elevada pontuação média obtida em todas as dimensões do domínio físico, tais sentimentos parecem não ter grande influência sobre a sua auto-estima global, ou seja, independentemente de considerarem a parte física de seus corpos como algo relevante para as suas vidas quotidianas, os atletas Portugueses cadeirantes de basquetebol consideram que esta parte física não desempenha um papel determinante nas suas vidas, susceptível de vir a influenciar os seus sentimentos e as atitudes de aprovação ou de desaprovação que fazem de si mesmos enquanto pessoa (auto-estima). Estes resultados não suportam a existência de fortes relações entre participação esportiva e auto-estima em atletas cadeirantes descritas na literatura (Szyman, 1980 e Valliant, Bezzubik, Daley, & ASU, 1985), no entanto, eles apoiam plenamente a ideia de que a participação no esporte e no exercício físico está moderadamente associada a níveis mais positivos de auto-conceito físico desde a adolescência em diante (Fox & Corbin, 1989), e de que a participação no esporte está fracamente associada com a auto-estima, sendo esta relação considerada inconsistente e, provavelmente, dependente das características da população e do envolvimento, para além das características individuais (Fox, 2000).

A relação entre a auto-estima e a performance individual em atletas com deficiência foi primeiramente analisada por Campbell & Jones (1994) tendo-se verificado que os atletas com deficiência de nível internacionais apresentavam níveis mais elevados de auto-estima quando comparados com os seus colegas de nível nacional, regional e até recreacional. Deste modo, é possível afirmar que os atletas com deficiência mais bem sucedidos, que competem a níveis mais elevados e que apresentam níveis de desempenho superiores têm níveis mais elevados de auto-estima. Ferreira e Fox (2008) revelaram ainda que os atletas que praticam esporte mais vezes por semana e os atletas com uma carreira esportiva mais longa apresentam níveis mais elevados de auto-estima, e que tal ocorre tanto em atletas com como em atletas sem deficiências físicas. Estes resultados podem apoiar os efeitos positivos atribuídos à participação de pessoas com deficiências físicas no exercício físico e no esporte, aumentando a sua percepção dos atributos físicos, redefinindo capacidades físicas e aumentando a confiança percebida em novas atividades físicas (Blinde & McClung, 1997), mas podem também explicar porque que motivo as pessoas com deficiência que relatam elevados níveis de auto-percepções são atraídas por e apresentam uma elevada perseverança no esporte. Por outro lado, estes resultados suportam o pressuposto de Fox (1997) segundo o qual os atletas com elevados níveis de auto-estima são mais confiáveis, mais estáveis e sólidos, calmamente auto-confiantes, extrovertidos e criativos, não têm medo de assumir um novo desafio ou um risco calculado, geralmente aprendem com o insucesso (erro) pois tratam-no positivamente compreendendo os seus pontos fortes e fracos. Estas características psicológicas são, sem dúvida, muito valorizadas ao nível do esporte de elite.

Identidade Atlética

A identidade atlética é definida como o grau em que um indivíduo se identifica com o papel de atleta e olha para os outros para reconhecimento desse mesmo papel (Brewer, 1993). De acordo com Van de Vliet, Van Biesen, e Vanlandewijck (2008) a identidade atlética está relacionada com a saúde e condição física, com a auto-estima, com as relações sociais e de confiança e ainda com a participação na atividade física e no exercício, e revelou que: (a) níveis mais elevados de identidade atlética podem ser encontrados em indivíduos com lesão medular que participam em atividades esportivas de nível regional, nacional ou internacional quando comparados com indivíduos que não participam regularmente em atividades esportivas (Tasiemski, Kennedy, Gardner, & Blaikley, 2004); (b) nadadores adolescentes com deficiência que se consideram como atletas, mas que apresentam fortes diferenças individuais na auto-percepção da sua identidade atlética (Martin et al., 1995); e (c) identidade atlética é um componente pertinente e importante do auto-conceito entre atletas adolescentes com deficiência, mas as auto-percepções de muitos desses atletas não se limitam apenas à sua identidade atlética (Martin, Mushett, & Eklund, 1994; Martin, Mushett & Eklund, 1997; Martin, 1999).

Pesquisas realizadas em indivíduos com deficiência revelaram a identidade atlética como um componente importante do auto-conceito, que foi analisado na pressuposto de que os benefícios psicológicos associados ao esporte tais como a auto-estima, auto-conceito físico e o bem-estar subjetivo se manifestariam mais fortemente em atletas cujos auto-conceitos fossem fortemente vinculados ao papel de atleta (Martin, 1999). Um estudo recente realizado em atletas paraolímpicos Flamengos (Van de Vliet, Van Biesen, & Vanlandewijck, 2008) revelou a identidade atlética e a sua relação com as auto-percepções no domínio físico e com a auto-estima, como constructos muito úteis para a compreensão participação esportiva em atletas com deficiência. Este estudo demonstrou a existência de uma forte identidade esportiva em atletas Flamengos com deficiência, não primordialmente orientada para a conquista de medalhas e records, mas muito apoiada na importância do esporte e na crescente consciencialização e aceitação dos atletas com deficiência, por si mesmos e pelos outros e revelando que eles investiram muito no seu esporte. Um outro estudo envolvendo atletas Portugueses de elite e não elite (Ferreira, Campos, & Guisantes, 2008) revelou que os atletas Paraolímpicos de nível internacional possuem uma identidade atlética forte e muito positiva, elevados níveis de percepção no domínio físico e um elevado nível de bem-estar subjetivo, identificando-se a si mesmos como “verdadeiros atletas”. Martin et al. (1995) menciona que, como consequência, devemos reconhecer estes atletas e continuar a proporcionar-lhes oportunidades competitivas desafiadora para melhorarem a sua experiência atlética. Conforme sugerem Van de Vliet, Van Biesen, e Vanlandewijck, (2008) os resultados destes estudos podem ainda aumentar a nossa compreensão face aos benefícios psicológicos da participação esportiva.

Conclusão

O estudo dos determinantes psicológicos em atletas de elite com deficiência e a sua implicações ao nível da performance individual é ainda uma área de investigação pouco desenvolvida. Mais pesquisas são necessárias para melhorar a nossa compreensão dos efeitos das principais variáveis psicológicas ao nível da capacitação pessoal, das

respostas emocionais e dos comportamentos demonstrados por estes atletas em situações competitivas estressantes e ajudar os atletas e os seus treinadores a desenvolver as melhores estratégias para lidar com estas situações estressantes em diferentes contextos esportivos. Tanto as características pessoais do atleta (personalidade) como o tipo de situações esportivas específicas (ambiente) desempenham um papel determinante para compreender o comportamento individual e justificar a razão pela qual atletas de elite podem ter comportamentos diferentes em situações esportivas competitivas semelhantes com implicações totalmente diferentes ao nível do desempenho individual.

Referências bibliográficas

- Anshel, M.H. (1995). Anxiety. In T. Morris and J. Summers (Eds.), *Sport Psychology: Theory, applications and issues* (pp.29-62). Brisbane: Wiley & Sons Australia.
- Brewer, B.W. (1993). Self-identity and specific vulnerability to depressed mood. *Journal of Personality*, 61, 69-77.
- Blinde, E., & McClung, L.R. (1997). Enhancing the physical and social self through recreational activity: Accounts of individuals with physical disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 14, 327-344.
- Campbell, E., & Jones, G. (1994). Psychological well-being in wheelchair sport participants and nonparticipants. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 11, 404-415.
- Campbell, E., & Jones, G. (1997). Precompetition anxiety and self-confidence in wheelchair sport participants. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 14, 95-107.
- Campbell, E., & Jones, G. (2002a). Sources of stress experienced by elite male wheelchair Basketball players. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 19, 82-99.
- Campbell, E., & Jones, G. (2002b). Cognitive appraisal of sources of stress experienced by elite male wheelchair Basketball players. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 19, 100-108.
- Edison, T. (1997). Assessment of hearing impaired athletes' anxiety and self-perceptions. *Perceptual and Motor Skills*, 85, 491-496.
- Ferreira, J.P. (2006). *Physical Self and Global Self-Esteem in Wheelchair Sport Participants: A mixed method approach*. Coimbra: FCDEF-UC.
- Ferreira, J.P., Chatzisarantis, N., Gaspar, P., & Campos, M.J., (2007). Precompetitive anxiety and self-confidence in athletes with disability. *Perceptual Motor Skills*, 105, 339-346.
- Ferreira, J.P., & Fox, K.R. (2008). Physical Self-Perceptions and Self-Esteem in Male Basketball Players with and without Disability: A Preliminary Analysis using the Physical Self-Perception Profile. *European Journal of Adapted Physical Activity*. 1 (1), 35-49.
- Ferreira, J.P., Campos, M.J., & Guisantes, R. (2008). Athletic Identity, Self-esteem, Physical Self and Subjective Well-being in Portuguese Athletes with Disability. Proceedings of the European Federation in Adapted Physical Activity Congress, Torino, Italy, p.43.
- Fox, K.R. (1997). *The Physical Self: From motivation to well-being*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Fox, K.R. (2000). The effects of exercise on Self-perceptions and Self-esteem. In S.J.H. Biddle, K.R. Fox and S.H. Boutcher (Eds.), *Physical Activity and Psychological Well-Being* (pp.88-117). London: Routledge.

- Fox, K. R., & Corbin, C.B. (1989). The Physical Self-Perception Profile: Development and preliminary validation. *Journal of Exercise and Sport Psychology*, 11, 408-430.
- Harter, S. (1988). *Manual for the Self-perception Profile for Adolescents*. Denver: CO: Author.
- Hanton, S., Thomas, O., & Maynard, I. (2004). Competitive anxiety responses in the week leading up to competition: The role of intensity, direction and frequency dimensions. *Psychology of Sport and Exercise*, 5, 169-181.
- Jones, G. (1991). Recent developments and current issues in competitive state anxiety research. *The Psychologist*, 4, 152-155.
- Jones, G. (1995). More than just a game: Research developments and issues in competitive anxiety in sport. *British Journal of Psychology*, 86, 449-478.
- Jones, G., & Cale, A. (1989). Relationship between multidimensional competitive state anxiety and cognitive anxiety and motor subcomponents of performance. *Journal of Sport Sciences*, 7, 129-140.
- Jones, G., & Hanton, S. (2001). Pre-competitive feeling states and directional anxiety interpretations. *Journal of Sport Sciences*, 19, 385-395.
- Jones, G., Hanton, S., & Swain, A.B.J. (1994). Intensity and interpretation of anxiety symptoms in elite and non-elite sports performers. *Personality and Individual Differences*, 17, 657-663.
- Jones, G., Swain, A.B.J., & Cale, A. (1991). Gender differences in precompetition temporal patterning and antecedents of anxiety and self-confidence. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 13, 1-15.
- Martens, R., Vealey, R.S., & Burton, D. (1990). *Competitive anxiety in sport*. Champaign, IL : Human Kinetics.
- Martin, J.J. (1999). Predictors of social physique anxiety in adolescent swimmers with physical disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 16, 75-85.
- Martin, J.J. (2008). Multidimensional Self-Efficacy and Wheelchair Basketball. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 25 (4), 275-288.
- Martin, J.J., Adams-Mushett C., & Smith K.L. (1995). Athletic identity and sport orientation of adolescent swimmers with disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 14, 113-123.
- Martin, J.J., Eklund, R.C., & Mushett, C.A. (1997). Factor structure of the Athletic Identity Measurement Scale with athletes with disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 14, 74-82.
- Martin, J.J. Mushett, C.A., & Eklund, R. (1994). Factor structure of the Athletic Identity Measurement Scale with adolescent swimmers with disabilities. *Brazilian Journal of adapted physical education research*, 1, 87-99.
- Oliver, M. (1996). *Understanding Disability: From Theory to Practice*. London: Macmillan Press Ltd.
- Patrick, G. D. (1986). The effects of wheelchair competition and acceptance of disability in novice athletes. *Therapeutic Recreation Journal*, 20, 61-71.
- Sherrill, C. (1993). *Adapted Physical Activity, Recreation and Sport: Crossdisciplinary and Life Span*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Sherrill, C., Hinson, M., Gench, B., Kennedy, S.O. & Low, L. (1990). Self-concepts of disabled youth athletes. *Perceptual and Motor Skills*, 70, 1093-1098.
- Smith, R.E., Smoll, F.L., & Schutz, R.W. (1990). Measurement and correlates of sport-specific cognitive and somatic trait anxiety: The Sport Anxiety Scale. *Anxiety Research*, 2, 263-280.

- Swain, A.B.J., & Jones, G. (1993). Intensity and frequency dimensions of competitive state anxiety. *Journal of Sport Sciences*, 11, 533-542.
- Szyman, R. J. (1980). *The effect of participation in wheelchair sports*. University of Illinois, Urbana-Champaign.
- Tasiemski, T., Kennedy, P., Gardner, B.P., & Blaikley R.A. (2004). Athletic identity and sports participation in people with spinal cord injury. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 21, 364-378.
- Valliant, P.M., Bezzubyk, I., Daley, L., & Asu, M.E. (1985). Psychological impact of sport on disabled athletes. *Psychological Reports*, 56, 923-929.
- Van de Vliet, P., Van Biesen, D. & Vanlandewijck, Y. (2008). Athletic Identity and Self-esteem in Flemish Athletes with a Disability. *European Journal of Adapted Physical Activity*, 1 (1), 9-21.
- Woodman, T. & Hardy, L. (2001). Stress and anxiety. In R. Singer, H. A. Hausenblas, & C. M. Janelle (Eds.), *Handbook of research on sport psychology* (2nd ed.) (pp. 290-318). New York: Wiley.

Contato do autor: Fax (++)351) 239802779, endereço de e-mail: jpferreira@fcdef.uc.pt
Laboratório de Psicologia do Desporto e do Exercício, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, Estádio Universitário – Pavilhão III, Santa Clara, 3040-156 Coimbra, Portugal